

O segundo número de *Sala Preta*, cumprindo o propósito de manter a regularidade anual, garante a continuidade do projeto de oferecer mais um espaço no ambiente acadêmico brasileiro para o escoamento das pesquisas em artes cênicas. A tiragem do primeiro número praticamente esgotou-se, mesmo com uma distribuição precária nas universidades brasileiras e em duas livrarias da cidade de São Paulo. De qualquer modo, a ótima acolhida foi o maior estímulo ao fortalecimento da revista. Desta vez a publicação cresceu no número de páginas e ampliou a sua representatividade, acolhendo artigos de pesquisadores de todo país. A coordenação preocupou-se em atender ao espectro mais amplo de temáticas, no limite das disponibilidades existentes. Preferiu-se pecar pelo excesso que pela omissão. O resultado é um volume farto de informações, reflexões e preciosidades editoriais.

A primeira retranca, *Interpretação*, reúne parte da produção docente e discente do Departamento de Artes Cênicas da USP no que diz respeito à investigação dos processos contemporâneos de formação e criação do ator. Coordenada e apresentada pelo professor Armando Sérgio da Silva, registra as contribuições de três mestrados recentes orientados por ele, além de um artigo em que sintetiza sua experiência de vinte anos como professor de interpretação. Completa esta seção o artigo de Juliana Jardim e do professor Antônio Januzelli, coordenador do Laboratório de Interpretação do Departamento, o Lince, divulgando os primeiros resultados de pesquisa sobre as metodologias de trabalho com o ator de alguns encenadores brasileiros.

A segunda retranca, *Ator e Cena*, é complementar à primeira, na medida em que convida especialistas a examinarem a questões atorais na ótica de alguns dos principais artistas do teatro no século XX. Iná Camargo Costa faz uma brilhante articulação das proximidades e diferenças entre Stanislavski e Brecht. Cristiane Takeda expõe minuciosamente pérolas das correspondências do Teatro de Arte de Moscou. Arlete Cavalieri aborda a influência indireta das técnicas de Meyerhold no teatro brasileiro e Lara Biasoli resgata a pouco conhecida reflexão de Maeterlink sobre o ator e o autômato. Matteo Bonfitto reflete sobre a questão em Gordon Craig, enquanto J. Guinsburg e Fany Kon traduzem um discurso do encenador inglês para os atores do TAM e Sílvia Fernandes traduz o manifesto histórico de Tadeusz Kantor, *Teatro da Morte*, em que o mestre polonês dialoga com a *übermarionette* de Craig. Fechando esta sessão de clássicos, Cassiano Quilici explora as relações entre teatro e rito em Artaud e Cristhine Greiner elucida o conceito de “corpo em crise”, do Butô, nas práticas do ator contemporâneo.

A terceira retranca, *Teatro Brasileiro*, homenageia os oitenta anos de nascimento de Jorge Andrade com um depoimento de J. Guinsburg e uma incursão inédita, de Elisabeth Azevedo, nos artigos publicados pelo dramaturgo na *Folha de São Paulo*. Sérgio de Carvalho aponta um novo olhar para o teatro no modernismo brasileiro e Daniela Rinow evoca a memória do saudoso professor Eudinyr Fraga, o grande ausente este ano no convívio daqueles que praticam, pensam e amam o teatro no Brasil.

A quarta retranca traz um dossiê sobre *Os Sertões*, do Teatro Oficina, comemorando o centenário de publicação do livro maior de Euclides da Cunha e antecipando o espetáculo que o grupo, entrando em sua quinta década de existência, estréia em dezembro de 2002. Abre o dossiê um texto inédito de Maria Thereza Vargas, locali-

zando a obra de Euclides na história do Oficina; seguem-se uma entrevista com José Celso sobre as dificuldades da adaptação dramática e da encenação de *Os Sertões*, e um encarte com a iconografia e os diversos níveis de registro visual deste processo criativo. Na segunda parte, o dossiê revela a fascinante abordagem do tradutor alemão de *Os Sertões*, Berthold Zilly, desvendando a teatralidade intrínseca à épica de Euclides da Cunha, e presenteia o leitor com um achado editorial: texto inédito de Oswald de Andrade, publicado no *Diário de São Paulo* em 1943, em que o poeta analisa comparativamente as contribuições de Euclides e de Gilberto Freyre à formação da cultura brasileira.

A quinta retranca, *Teatro Educação*, coordenada e editada pela professora Maria Lúcia Pupo, acolhe a contribuição de doze pesquisadores brasileiros no que talvez seja a mais completa reunião de massa crítica nesta área jamais feita no país. Completando este panorama exaustivo de pesquisas em torno das questões do jogo, do aprendizado e da ação cultural, participa o professor francês Roger Deldime, uma das autoridades mundiais da chamada pedagogia do espectador.

A sexta retranca, *Dramaturgia*, enfoca as diversas dramaturgias contemporâneas: Antônia Pereira discute a obra de Armand Gatti, em paralelo com a de Augusto Boal, como uma poética de mobilização; Rogério Toscano descobre na dramaturgia política de Osvaldo Dragún traços precoces do pós-modernismo; Newton Moreno detalha um mapa da dramaturgia “gay” e Adélia Nicolette investiga a prática dramática que se insere no chamado “processo colaborativo”.

A sétima e última retranca, *Livros*, traz uma resenha de Ruth Röhl sobre livro de Ingrid Koudela, além de mais uma leva de lançamentos editoriais recentes no âmbito das artes cênicas.

*Sala Preta* pretende ter vindo para ficar. Para isso, além do aperfeiçoamento da distribuição e, idealmente, da conquista da semestralidade, precisará continuar contando com a contribuição de todos os que atuam na pesquisa e no ensino de teatro no Brasil. Convidamos, pois, aqueles que vêm produzindo reflexão e registrando as práticas teatrais no país a participarem desse esforço de consolidação.